

A ARTE DE NARRAR HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES (AS)

Rebeca Baia Sindeaux ¹
Maria Dulcinea da Silva Loureiro ²

RESUMO

Este artigo é fruto da pesquisa de mestrado intitulada “A importância da literatura na escola: reflexões sobre a arte de narrar e o olhar pela ‘janela’ de quem educa”, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA. Deste modo, o referido trabalho desenvolveu uma pesquisa participante de abordagem qualitativa, através de uma intervenção teórico-metodológica, que consistiu em uma formação para as educadoras que atuavam na educação infantil de uma instituição educacional da rede pública na cidade de Crato-Ce. A referida proposta de formação se propôs a valorizar a arte de contar histórias como ferramenta pedagógica para o trabalho com a literatura infantil, com o intuito de repensar práticas e construir novas e diferentes perspectivas sobre o trabalho com a literatura, na busca de compreendê-la a partir da concepção estética, como arte da palavra; bem como valorizar a arte da narrativa, para a formação não só de leitores e produtores de texto, mas de indivíduos capazes de intervir nas relações sociais e produzir novos conhecimentos. Nesse caminho, compreendemos ser fundamental (re)pensar a formação docente no que concerne o trabalho com a literatura, mediado pela arte de contar histórias, a fim de se que possa superar a visão predominantemente didatizadora com a qual se tem utilizado o texto literário no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Formação de professores, Arte de narrar, Literatura infantil.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto da pesquisa de mestrado intitulada “A importância da literatura na escola: reflexões sobre a arte de narrar e o olhar pela ‘janela’ de quem educa”, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA. A referida pesquisa se propôs a elaborar uma proposta de intervenção junto aos(as) educadores(as), visando valorizar a arte de contar história como ferramenta pedagógica para o trabalho com a literatura infantil, através do desenvolvimento de uma metodologia teórico-prática, a qual foi estruturada/organizada por meio de oficinas para os(as) professores(as).

O interesse em desenvolver uma pesquisa que versa sobre a arte contar história como estratégia pedagógica para o trabalho com a literatura infantil vem das vivências no período que atuei na educação infantil, na Escola Municipal Projeto Nascente, na cidade de Fortaleza, ocasião em que desenvolvemos diversos projetos ligados à literatura e ao prazer pela leitura.

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA, rebeca.baia.sindeaux@gmail.com;

² Professora orientadora: doutora, Universidade Regional do Cariri – URCA mdslou@uol.com.br

Compreendemos que o contato com boas histórias e com os livros proporciona encantamento, desperta a fantasia e a imaginação criadora, além de enriquecer a criatividade mediante o contato com elementos novos que podem vir a compor seu entendimento sobre o mundo.

No período que atuamos na Educação Infantil, percebemos que, muitas vezes, a prática de contar histórias é relegada a segundo plano ou até mesmo desconsiderada em toda a sua potencialidade por parte dos (as) educadores (as). O desejo de compreender essa questão acaba se aliando à vontade de trazer à tona a fascinação no ato de contar história, que pode resgatar emoções, fantasia e imaginação. Espera-se que, de certo modo, o contato com boas histórias possam incentivar o desejo de aprender a ler, de ter no ato da leitura a busca do encantamento que o ouvir história pode disponibilizar, e proporcionar o desenvolvimento infantil a partir das possibilidades da imaginação criadora, pois “[...] a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica” (VIGOTSKI, 2009, p.14). Nessa perspectiva, conforme Vigotski (Idem), “[...] tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia” (Idem).

Nossa experiência profissional, como docente e narradora, corrobora a tese de que a aprendizagem das crianças e a formação do hábito de ler são significativamente potencializadas com a arte de contar de histórias. No entanto não se trata de qualquer história, pois a literatura apropriada possibilita ao seu leitor infantil perspectivas de vinculações que permitem dar entendimento e sentido àquilo que lê. Outrossim o livro infantil “[...] estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos, em lugar de deixá-la cerceada pelas intenções do autor” (CADEMARTORI, 2010, p.17).

Destarte, faz-se necessário reelaborar a maneira como habitualmente se vem trabalhando com a literatura nas escolas, em que, muitas das vezes o texto não passa de pretexto para se trabalhar os conteúdos escolares. Vista desta maneira a literatura é utilizada em sala de aula sempre como suporte pedagógico e não como possibilidade de formação estética, como necessidade de fruição e humanização. Portanto corroboramos da tese/ideia de que a literatura tem função para além da formação de leitores e produtores de texto, tendo em vista que proporciona experiências que ampliam as vivências das crianças, possibilitando leitura e releitura de mundo. Neste sentido, “assume função estética e apresenta-se como elemento cultural fundante no processo de emancipação do sujeito” (RIBEIRO, GIROTTO, 2014, p. 30).

Partimos do entendimento de que o processo de humanização se dá a partir da mediação social, histórica e cultural através de processos de aprendizagem e desenvolvimento, por meio da qual toda atividade humana é fruto desta construção/relação. Logo, não se nasce humano, torna-se mulheres e homens (o vir a ser). A humanização é um produto histórico-social, desta feita, aprende-se a linguagem, há a complexificação do pensamento e o comportamento sociocultural.

Nos primórdios da humanidade, nas culturas tradicionais, a principal forma de se preservar as experiências de antepassados e de colocá-las para as novas gerações se deu pela arte de contar histórias. O fato de ser a tradição oral anterior à linguagem escrita e mesmo à pictográfica fez com que muitas histórias tenham sido contadas antes mesmo de poderem ser registradas. Segundo Farias (2011, p. 19), tudo começou na caverna em que os primeiros caçadores e coletores, em volta da fogueira, contavam uns aos outros “[...] sobre suas aventuras na luta pela sobrevivência, para dar voz à percepção fenomenológica dos eventos naturais e sobrenaturais, e, assim, entrar em conformidade com a ordem social e cósmica”.

É importante salientar que para Farias (2011, p.19) “se o ato de sonhar não é uma exclusividade dos humanos, contar histórias é uma arte milenar exclusiva das sociedades humanas. Foi graças à tradição oral que muitas histórias se perpetuaram, sendo transmitidas de uma geração para outra”.

Nesse caminho, compreendemos a importância de (re)pensar a formação docente no que concerne o trabalho com a literatura, mediado pela arte de contar histórias, levando em consideração o processo de desenvolvimento infantil. Pressupondo que a literatura corrobora com o desenvolvimento de diversas habilidades, inclusive com o processo de leitura e escrita, especialmente por possibilitar entender/reconhecer a função social da escrita. Assim, Ribeiro e Giroto (2014, p.26), com base nos pressuposto de Vigotski, colocam a literatura infantil como aquela que poderia motivar o processo de desenvolvimento infantil, especificamente, “o desenvolvimento de capacidades psíquicas humanas, tais como a memória, raciocínio lógico e a imaginação”.

Destacamos, desta maneira, a importância e a relevância de se contar histórias para as crianças da mais tenra idade, momento privilegiado de viver encantamentos, de experimentar sentimentos diversos, aguçar a imaginação, de estreitar laços, ampliar o conhecimento de mundo e universo vocabular, de repensar e enfrentar seus conflitos, a partir do envolvimento com os dilemas dos personagens. Entretanto, cabe ressaltar a necessidade de uma leitura/observação crítica acerca das obras infantis e de que o contador precisa ampliar seu próprio universo a fim de respeitar a inteligência e a sensibilidade das crianças, bem como

perceber o caráter ideológico, ou seja, as concepções de homem e de sociedade que permeia os contos clássicos e contemporâneos.

Compreendemos que a importância de realizar uma pesquisa que envolva a literatura infantil e o ato milenar de contar história está na possibilidade de contribuir efetivamente para o desenvolvimento da criança e para a formação de leitores e de sua relação com mundo da cultura, através do encantamento, do deleite que a literatura infantil e a arte de contar história desperta há anos para humanidade. Nesse sentido, Cecília Meireles (2016, p. 30) nos adverte que “conta-se e ouve-se para satisfazer essa íntima sede de conhecimento e instrução que é própria da natureza humana”. Na esteira dessa apreensão, está o direito da criança de conviver com histórias na escola como possibilidade de desenvolvimento e humanização.

METODOLOGIA

Diversos autores que escrevem sobre metodologia – Gil (2002), Minayo (2004), Severino (2007) – destacam a importância do método para a produção do conhecimento científico. “Etimologicamente, método significa caminho para se chegar a um fim. Assim, método científico pode ser entendido como [...] o conjunto de procedimentos que ordenam o pensamento e esclarecem acerca dos meios adequados para se chegar ao conhecimento” (GIL, 2002, p.31). Para Minayo (2004, p.22), metodologia é entendida como o caminho e o instrumental próprios de abordagem da realidade.

Por isso quando propusemos a pesquisa, a pretensão era de realizar uma ação que viesse a colaborar, através do desenvolvimento de uma intervenção teórico-prática, com a formação continuada dos(as) educadores(as) que atuam na educação infantil. A intenção seria destacar a importância de analisar as práticas dos(as) educadores(as) com relação ao trabalho com literatura, e desta maneira buscar as melhores possibilidades de explorá-las a fim de que contribuam para o desenvolvimento das crianças, sendo central para isto a prática de contar de história. Portanto, a ideia era realizar uma pesquisa-ação, que vem a ser um tipo de pesquisa na qual o pesquisador se envolve com os sujeitos pertencentes ao campo, observa, coleta informações, reflete junto com o grupo. Nesse tipo de pesquisa, o intuito é de que haja uma transformação no campo investigado, em que o diálogo reflexivo entre pesquisador e pesquisado resulte em uma proposta de ação que contribua para a modificação na realidade na qual estão inseridos. Porém, no decorrer da pesquisa de campo, muitos aspectos foram se alterando, a pesquisa tomou rumos diferentes, modificou-se no processo de ação e relação com os sujeitos envolvidos. O grupo de professoras que fizeram parte da pesquisa acabou

dando outra vertente para o nosso trabalho, porque diante de suas exaustivas jornada e demanda de trabalho, não encontravam condições de tempo para construir junto comigo a intervenção. Portanto, não se pôde configurar uma pesquisa-ação, porém como a intervenção foi pensada mediante as demandas e questões trazidas pelas educadoras no momento da observação e de conversas informais, reconhecemos assim que nossa pesquisa ganhou caráter de pesquisa participante, por compreender que “A pesquisa participante consiste numa investigação efetivada a partir da inserção e na interação do pesquisador ou da pesquisadora no grupo, comunidade ou instituição investigado” (Peruzzo, 2017, p. 165).

A amplitude do universo de pesquisa e intervenção decorre da necessidade de generalização da arte de contar história como prática pedagógica para o trabalho com a literatura infantil em ambiente escolar. Agir junto aos educadores(as) contemplaria mais crianças, dado que cada docente atuaria como um novo mediador das questões discutidas, disponibilizando maior acesso à história e literatura infantil.

Desta forma, a pesquisa se dividiu em cinco momentos:

a) O primeiro momento foi destinado ao estudo das obras referentes à fundamentação teórica necessária à abordagem do tema. Esse momento contempla tanto a fundamentação epistemológica do tema, com o estudo dos processos de desenvolvimento infantil, bem como os trabalhos ligados diretamente à literatura Infantil e a arte de contar histórias. Para tanto, tomamos como base as fundamentações de Vigotski (1998, 2001, 2009), para compreender a formação da linguagem e do pensamento da criança, bem como as contribuições dos estudiosos da psicologia histórico-cultural que tratam especificamente de estudos sobre o desenvolvimento infantil, a saber: Alessandra Arce, Débora Silva e Michele Varotto (2011), Lígia Márcia Martins (2011 e 2018), Maria Cláudia da Silva Saccomani (2016). No que concerne aos estudos sobre a literatura infantil, recorreremos à Cecília Meireles (2016), Fanny Abramovich (1997), Lígia Cademartori (2010), Nelly Novais Coelho (1991), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1984 e 1998), Ricardo Azevedo (1999 e 2001). Para as contribuições referentes à arte de contar histórias, destacando suas implicações e particularidades, buscamos as contribuições de Betty Coelho (1991), Celso Sisto (2010 e 2015) Diane Valdez e Patrícia Lapot Costa (2013), Gislayne Avelar Matos e Inno Sorsy (2007) e Regina Machado (2015).

b) Desta maneira, o segundo momento consistiu em conhecer os sujeitos e se apropriar do campo, no caso uma Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental (E.E.I.E.F.) – Instituição Educacional na cidade do Crato - CE, que visou, dentre outras coisas, coletar os dados necessários à posterior proposta de intervenção. O momento da coleta de dados intencionou: (i) observar e analisar o cotidiano das educadoras objetivando conhecer as reais

condições do trabalho com a literatura infantil; (ii) interagir com os sujeitos e participar do cotidiano da escola; (iii) conviver com as educadoras e com as crianças e lembrar/reviver minha experiência como professora da educação infantil.

c) O terceiro momento foi o de, a partir dos dados coletados, realizar a formação com as educadoras. As oficinas aconteceram durante três sábados letivos, dois dias no prédio da escola e o último no anexo. A formação foi de caráter teórico-prático em que se intercalava de narrativas, discussões sobre a temática, vivências e construção do imaginário. Entendemos que a intenção realizada durante a pesquisa se estabeleceu como nossa contribuição social a respeito da temática, e para fins de divulgação/ampliação e abrangência da ação, construímos um material didático contendo a metodologia proposta, explorada e desenvolvida com as professoras.

d) O quarto momento da pesquisa foi a aplicação de entrevista após a formação, que intencionou perceber quais práticas foram assimiladas ou transformadas, e qual a presença que a arte de contar histórias e literatura infantil ocupa depois das discussões oportunizadas, bem como sobre as percepções próprias das professoras acerca de sua prática.

e) O quinto momento consistiu em analisar a coleta de dados, com as educadoras participantes da formação; construção/elaboração do produto educacional no qual estruturamos um instrumental didático pedagógico, que consiste na sistematização da proposta de formação destinada a professoras e professores, bem como para aqueles que têm interesse na arte da contar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o mês de agosto e setembro realizei as visitas na Creche, lócus da pesquisa de campo, “entendemos por *campo*, na pesquisa qualitativa, o recorte espacial que corresponde à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação” (MINAYO, 2004, p. 105). A finalidade das visitas era verificar a realidade do trabalho com a literatura infantil na escola e se a prática de contar histórias servia a este trabalho, para então, mediante a realidade da instituição, organizar uma intervenção junto às educadoras, com vista a valorização do trabalho com a literatura e a arte de contar histórias como uma possibilidade de colaborar para o desenvolvimento das crianças. Cabe ressaltar, em consonância com Minayo (2004, p. 105), que “o trabalho de campo constitui-se numa etapa essencial da pesquisa qualitativa, que a rigor não poderia ser pensada sem ele”.

A proposta de intervenção no campo consistiu em uma formação, no formato de oficina³ para as educadoras que atuam na creche e no anexo da E.E.I.E.F., lócus da pesquisa. Traçamos como objetivos da formação: repensar práticas e construir novas perspectivas sobre o trabalho com a literatura, na busca de compreendê-la a partir da concepção estética, como arte da palavra; valorizar a arte da narrativa, para a formação não só de leitores e produtores de texto, mas de indivíduos capazes de intervir nas relações sociais e produzir novos conhecimentos.

A proposta metodológica consistiu na articulação teórico-prática, a qual se intercalou a apresentação dialogada das discussões a respeito da arte de narrar e de como tal prática pode corroborar para formação cultural das crianças mediante o acesso à arte literária. Foram realizadas, vivências em grupo⁴, utilizando textos da cultura popular como provérbios, trava-línguas, quadrinhas, a fim de que as educadoras pudessem experienciar as possibilidades de expressão da oralidade, mediada por elementos da narrativa, como ritmo, cadência, pausas, entonações; as professoras também foram convidadas a construir, com ajuda do imaginário, situações fantásticas para construção de histórias. A intenção em proporcionar tais experiências foi sensibilizar e encantar, partindo do pressuposto de que só pode promover encantamento aquele que também se encanta. Vale ressaltar que as atividades estavam intercaladas e mediadas por narrativas, e para finalizar, solicitei depoimentos para gerar reflexões a respeito das discussões e das vivências em grupo.

Depois das oficinas, elaboramos um roteiro de entrevista para estabelecer um diálogo com algumas das professoras que haviam participado da formação, estabelecemos alguns critérios para selecionar as entrevistadas, a saber: i) ter participado de no mínimo duas das três oficinas; ii) que tivesse se envolvido com as oficinas, com as atividades propostas; iii) e que tivesse essa relação afetiva com as narrativas. Para definir a amostra levamos em consideração que se assumir o total que foi de 17 participantes, a amostra representa 25%. Porém se levarmos em consideração a média simples de participantes (soma do total de cada dia, dividido pela quantidade de dias), a quantidade de participante seria o equivalente a 13

³ As oficinas aconteceram nos sábados letivos, dias: 24/11/18, 08/12/18 e 15/12/18, no período da manhã.

⁴ Gostaria de destacar que as vivências propostas foram adaptações e reelaborações de aprendizagens que experienciei: durante O Boca do Céu – Encontro Internacional de Contadores de Histórias, em especial nas oficinas com Regina Alfaia e Pépito Matéo; numa formação do PIBID Pedagogia-URCA com a professora Regina Esteves (metodologia do Brasão); no minicurso “A arte de narrar histórias em sala de aula: subjetividades e sensibilidades entre a história e a literatura” com a Elzilene Oliveira, na III Jornada Interdisciplinar em História e Letras – JIHL; assim como durante o minicurso “Quem conta um conto aumenta o encanto: a importância da hora da história na educação infantil” ministrado por mim e pela Elisabete Pacheco durante a XXI Semana de Iniciação Científica e VI Semana de Extensão da URCA.

peessoas, neste caso, a amostra representa 40% do total de participantes. Por tanto, chegamos à quantidade de cinco professoras para concederem as entrevistas, das quais duas seriam do anexo e três da creche. E as entrevistas foram realizadas nos dias: 28/01/19 (três) e 31/01/19 (duas).

As professoras que concederam as entrevistas formaram-se em pedagogia, a de formação mais antiga é de 2004 e a mais recente de 2013, sendo que uma delas também é formada em Letras desde 1988. Todas possuem pelo menos uma especialização, com prevalência da psicopedagogia, seguida de educação inclusiva e educação infantil. As educadoras atuam na educação infantil da mesma instituição de ensino, sendo que três trabalham na Creche e duas no anexo, com uma média de quase 11 anos de docência.

A intervenção foi muito importante porque nos proporcionou vivências e foi possível discutir e repensar o trabalho com a literatura na escola. Também nos trouxe o diálogo com diferentes experiências que cada uma de nós carregava, a partir de nossas relações pessoais e profissionais com as narrativas. Percebemos que as educadoras se envolveram nas oficinas e se permitiram experienciar vivências novas e diferentes. Inclusive fazendo associação com o trabalho que desenvolvem na escola, que poderia ser incrementado mediante os momentos de vivências.

Uma das pretensões das oficinas foi de construir uma identidade do grupo, mediada pelos relatos de nossas experiências com as narrativas, que o resgate desta memória afetiva se constituísse como uma memória coletiva do grupo. Este momento foi muito prazeroso e emocionante por nos proporcionar lembranças da infância, à medida que resgatamos as memórias e compartilhar as narrativas.

Quanto às aprendizagens que as oficinas proporcionaram, as educadoras destacaram que puderam despertar para questões importantes, no que se refere ao trabalho com a arte de narrar, que perceberam a necessidade dos elementos que compõem a narrativa. A experiência de “brincarem” com a voz e com o corpo garantiu envolvimento e uma percepção da necessidade do texto vivo. Também o fato de vivenciarem atividade que propunha construção da fantasia, imaginação e experienciar processos criativos deu outro olhar e entendimento acerca do trabalho que deve ser desenvolvido com as crianças.

No que se refere ao entendimento sobre o papel que a literatura exerce na formação da criança, todas as professoras que foram entrevistadas ressaltaram a importância, porém se utilizam de justificativas distintas para se trabalhar com as histórias na escola. De modo geral, ainda é arraigada a necessidade de se vincular a história a um projeto, até porque é uma orientação do sistema educacional, pelo menos no Estado do Ceará, e muitas vezes as

histórias são trabalhadas a partir da sequência didática. E também duas delas que ainda demonstram a vinculação direta ao processo de alfabetização, ou para trabalhar o texto como o pretexto para se ensinar as letras. Porém, três percebem o trabalho com a literatura voltado para a formação das crianças, que colabora para o seu desenvolvimento.

Quanto à hora da história, a maioria das educadoras destaca que precisa ser um momento planejado, que é essencial conhecer a história antes de ler ou contar para as crianças, porém enfatizam preferirem contar “de memória” ao invés de ler. Duas delas ressaltaram que não gostam de se enfeitar ou usar excesso de recursos externos; em contrapartida, uma das educadoras apontou a necessidade de usar de tudo para chamar a atenção das crianças. No entanto, há consenso entre as professoras quanto a importância de estarem envolvidas e de terem conhecimento daquilo que estão narrando. É indispensável para todas lembrar a importância de estarem envolvidas e saberem o que estão contando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do entendimento sobre a importância da literatura infantil, cabe a nós, professoras e professores, perceber a clareza de que desempenhamos papel essencial na formação das crianças, compreendendo que o trabalho com a literatura contribui com a expansão dos padrões estéticos; ampliação de universo vocabular, de conceitos e de suas generalizações; além de favorecer o prazer; despertar emoções e sensações; suscitar encantamento, fantasia, criatividade e imaginação e ainda possibilita releitura do mundo. Por isso, corroboramos com a tese de que é essencial as crianças terem acesso à arte literária todos os dias, através do trabalho das (os) professoras (es), que podem ler ou narrar a história. O importante é que compreendam a necessidade de tornar o texto literário em texto vivo.

No que se refere à arte de contar história, constatamos que é fundamental o (a) educador(a)/narrador(a) perceber a soberania da história, que aquele que se dispõe a narrá-la, empresta sua presença, seus recursos internos e com sua voz e suas nuances, gestos e olhar garante que a magia se estabeleça e o mundo se edifique imaginativamente em cada criança (MACHADO, 2015).

Podemos considerar como achados da pesquisa a necessidade de repensar a formação docente, que esta possa contemplar também uma construção artística e estética que possibilite desenvolver a sensibilidade, a catarse aos professores, aliada ao conhecimento acerca do desenvolvimento infantil, de como é possível agir para ampliá-lo, interagindo de forma intencional para a formação das crianças e que a prática docente possa colaborar para o

alargamento das funções psíquicas superiores, uma formação cultural mais ampla. Esse fato aponta a necessidade de formação – inicial e continuada – para os(as) professores(as) como condição *sine qua non* para um trabalho de qualidade com a literatura infantil.

No entanto, constatamos que o cotidiano escolar, a jornada de trabalho exaustiva, excesso de demandas, as exigências que sobre as(os) professoras(es) em antecipar o processo de alfabetização das crianças, garantindo, assim melhores resultados nas avaliações externas aplicadas à escola, acabam dificultando o trabalho que garantiria o contato com a arte da palavra e todas as suas possibilidades e potencialidades. Essa condição de trabalho da (o) professora (o) se apresentou a nós como necessidade também de superar as condições e estruturas enrijecidas que compõem muitas escolas, que passam a cumprir, por vezes, as demandas de mercado.

De modo geral, consideramos ser inadiável expandir o entendimento e a valorização da concepção estética da literatura, como arte da palavra, que, independente da intenção do autor, adquire condição humanizadora, propiciando uma leitura estética, prazerosa, fruída e encantadora. Assim a literatura infantil, mediada pela arte de contar história, manifesta função estética e se coloca como elemento cultural necessário e precioso no processo de humanização do sujeito.

REFERÊNCIAS

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil?** São Paulo: Ática, 2010.

FARIAS, Carlos Aldemir. **Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade.** In Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes/ Organização Benita Prieto. Rio de Janeiro: s. ed, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias.** 4. ed., São Paulo: Atlas, 2002.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta;** colagens de Adriana Peliano. – 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravoltas, 2015.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil.** 2ª ed. São Paulo: Summus editorial, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa:** da observação participante à pesquisa-ação In Metodología, Métodos e técnicas. Estudios sobre las Culturas Contemporáneas. Época III. Vol. XXIII. Número Especial III, Colima, primavera 2017, pp. 161-190.

RIBEIRO, Aline Escobar M., GIROTTO, Cyntia Graziela S. G. **Literatura Infantil e desenvolvimento da imaginação na infância:** a ótica da teoria histórico-cultural. In: Seminário de Literatura Infantil e Juvenil [de Santa Catarina] – SLIJ (6.: 2014 out. 15-17: Florianópolis, SC) Anais [do] 6º. Seminário de Literatura Infantil e Juvenil [de Santa Catarina] – SLIJ/ organizadoras Eliane Santana Dias Debus, Dilma Beatriz Juliano, Nelita Bortolotto, Simone Cintra – Florianópolis: UFSC; UNISUL, 2014. P. 26-35. ISSN 2175-9308.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VALDEZ, Diane e COSTA, Patrícia Lapot. **Ouvir e Viver Histórias na Educação Infantil: um direito da criança.** In: Quem tem medo de ensinar na educação infantil? Em defesa do ato de ensinar / Alessandra Arce, Lígia Márcia Martins, organizadoras. 3ª ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013, p.165-186.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criatividade na infância: ensaio psicológico: livro para professores.** Apresentação e comentários Ana Luíza Smolka; tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.